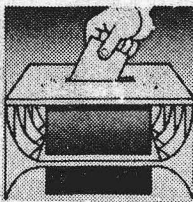


A arrancada no 2º turno

Petistas temem um racha na direção do PSDB, mas acreditam que terão o reforço dos militantes tucanos para derrotar o



PRN. A vitória sobre Collor é considerada muito difícil e os líderes do PT começam a falar em uma "vitória política"



Márcia Zoet/AE-26/8/89

José Dirceu: "Não haverá problemas internos no PT para fazer alianças com partidos"

PT confia na adesão da base tucana à campanha

O deputado estadual José Dirceu de Oliveira, secretário-geral do PT, remói a suspeita de que os "tucanos" não conseguirão unir suas asas para uma decolagem conjunta na direção do apoio a Lula. "O PSDB é a área cinzenta", confirma Dirceu. Ainda que a revoadada seja parcial, o PT terá fortes motivos para comemorar: no alto comando do partido, vai se consolidando a certeza de que a presença de militantes "tucanos" na campanha de Lula — sobretudo se liderados pelo senador Mário Covas — permitirá a incorporação de matizes amarelos que tornarão politicamente mais suave o vermelho dos petistas.

"Não haverá problemas internos no PT para o estabelecimento de alianças com outros partidos", antecipa Dirceu. "Se houver, ganharemos no voto." Já no primeiro turno, por sinal, desapareceram dos comícios da Frente Brasil Popular grupos refratários a qualquer tipo de aliança, como a Convergência Socialista e a Causa Operária. Se não fizeram falta antes, racionam dirigentes petistas, tampouco farão agora. Dirceu vê com otimismo eventuais composições com o PCB — a esta altura palatável ao PCdoB, seu inimigo histórico — e com a ala esquerda tanto do PMDB quanto do PSDB. É possível que alguns grupos do PT exibam

carrancas diante de tais entendimentos. Mas a Articulação, grupo majoritário liderado por sindicalistas e militantes ligados à Igreja, tratará de pavimentar o caminho a seguir.

Líderes do PT, fora de conversas estreitamente vigiadas por gravadores, admitem que não será fácil derrotar Fernando Collor, principalmente se o vencedor do primeiro turno fizer costuras que lhe permitam vestir o figurino de candidato do centro. De qualquer forma, o PT estará satisfeito se obtiver uma "vitória política" — para tanto, Lula teria de perder por pequena diferença e emergir das urnas de dezembro como líder da oposição ao novo governo. Os petistas rejeitam liminarmente a expressão, mas não deixaria de ser uma "vitória moral".

ALIANÇA

O deputado Maurílio Ferreira Lima (PMDB-PE), que apoiou Lula, chegou a Brasília quarta-feira com a firme convocação de que o presidente nacional do seu partido, Jarbas Vasconcelos, será candidato a governador de Pernambuco em aliança com a Frente Brasil Popular. Para que o fato seja consumado basta, segundo Lima, que Jarbas — companheiro de Ulysses Guimarães até o fim — anuncie o apoio a Lula tão logo o petista seja declarado oficialmente vencedor.

Os membros da Frente Popular não se comprometem com as articulações que correm por fora. A negociação entre Mauri-

lio e Jarbas foi alinhavada no ar. Os dois saíram juntos de Recife para Brasília com objetivos diferentes. Jarbas ia se reunir com a cúpula do PMDB. Maurílio queria acompanhar a apuração nacional dos votos e fazer articulações, mesmo sem representar a frente que apóia Lula.

Para os membros da direção da Frente Brasil Popular, as alianças para o segundo turno com os demais setores da esquerda serão bem-sucedidas. A maior dúvida é em relação a alguns integrantes do PSDB, como o deputado José Serra (SP) e os senadores Fernando Henrique Cardoso (SP) e José Richa (PR). Mas o consenso é de que o senador tucano Mário Covas (SP) apóie a frente.

O senador Jamil Haddad (PSB-RJ), integrante da frente e que articula junto com Arantes e os deputados Haroldo de Lima (PC do B-BA), Plínio de Arruda Sampaio (PT-SP) e Luís Gushiken (PT-SP) a ampliação política da candidatura Lula, vê poucas alternativas para Covas. "Se a cúpula dos tucanos ficar com Collor ou neutra, o partido racha", garante. A convocação de Haddad tem como base as articulações feitas com um grupo de oito deputados tucanos (que Aldo Arantes diz serem mais). Estariam com Lula desde já os deputados Vilson de Souza (SC), Sigmaringa Seixas (DF), Hermes Zanetti e Vicente Bogo (RS), Jorge Hage (BA), Célio de Castro (MG) e Nilton Frederich (PR).